

Da experiência sensorial e da cognição: a produção da vida e da cultura nos modos de vida e trabalho de ceramistas fluminenses

Sensory experience and cognition: the production of life and culture in the life style and the work of potters who are from Rio de Janeiro

...Na sua experiência anterior, cuja memória ela guardava no seu corpo, sua *compreensão* do processo em que o homem, trabalhando o barro, criava o jarro, compreensão gestada sensorialmente, lhe dizia que fazer o jarro era uma forma de trabalho com que, concretamente, se sustentava. Assim como o jarro era apenas o objeto, produto do trabalho que, vendido, viabilizava a sua vida e a de sua família.

Agora, ultrapassando a experiência sensorial, indo mais além dela, dava um passo fundamental: alcançava a capacidade de *generalizar* [...] Criar o jarro com o trabalho transformador sobre o barro não era apenas a forma de sobreviver, mas também de fazer *cultura*, de fazer *arte*. Foi por isso que, relendo sua leitura anterior do mundo e dos que-fazeres no mundo, aquela alfabetizanda nordestina disse segura e orgulhosa: Faço cultura. “Faço isto”.

Paulo Freire¹

Introdução

Esta fala de Freire refere-se à discussão de uma alfabetizanda, em seu círculo de cultura, sobre o que é cultura através de uma codificação que representava um homem trabalhando o barro. Ela foi retirada do livro “Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar” e inspirou o título deste artigo que traz notas preliminares de uma investigação sobre modos de vida e trabalho de ceramistas fluminenses. Tal pesquisa foi realizada no contexto de um projeto de pesquisa e extensão intitulado “Saberes e Fazeres de ceramistas fluminenses: um estudo sobre a indissociabilidade entre ambiente, conhecimento e arte”, apoiado pela Uerj e Faperj. A pesquisa foi motivada pela seguinte inquietação: O que está presente nos saberes e fazeres de ceramistas que ressoa na natureza, dando forma ao ambiente propriamente dito? E, o que, do am-

**Fátima T. Braga Branquinho¹,
Giselle de Souza Maria², Jacqueline da Silva Santos³, Lenira Maria Cavalcanti Teixeira⁴**

Resumo

Este artigo pretende descrever significados do fazer cerâmica, modos de vida e trabalho de ceramistas fluminenses a partir de seu próprio ponto de vista, com destaque para as relações que estabelecem com o ambiente e a natureza em seus ateliês. Alguns constituintes da rede sociotécnica da cerâmica fluminense foram identificados a partir de atividades de extensão articuladas à pesquisa ação. O resultado foi a elaboração de uma página na internet e a reunião de acervo de oficinas de educação ambiental assim como de imagens e peças para mostra de cerâmica. A atividade de extensão desenvolvida tem contribuído, de um lado, para a formação de pedagogos-pesquisadores e, de outro, para a organização de ceramistas em uma associação virtual que divulga seus trabalhos com possibilidade de geração de renda.

Palavras-chaves: diversidade cultural, ceramistas fluminenses, relação homem- natureza.

Área temática: Cultura/ Meio Ambiente
Linha da extensão: Desenvolvimento humano

¹ Procientista Uerj/ Professora Associada da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-graduação em Meio Ambiente (PPGMA-Uerj) – fatima.branquinho@uol.com.br

² Pedagoga consultora da 1ª fase da pesquisa, professora das séries iniciais na modalidade EJA- Educação de Jovens e Adultos - do município de Paracambi, Graduada em Pedagogia/Uerj – giselle.desouzamaria@gmail.com

³ Pedagoga consultora da pesquisa, Graduada em Pedagogia /Uerj – jacqueline81.santos@gmail.com

⁴ Graduanda em Pedagogia/UERJ – Bolsista de Iniciação Científica do CNPq atuando nessa pesquisa – lenirauerj@gmail.com

biente, ressoa no saber e no fazer dos ceramistas fluminenses?

Esse artigo trata, assim, de apresentar os resultados parciais da primeira parte da pesquisa, qual seja: descrever o significado atribuído pelos ceramistas fluminenses à cerâmica, ao processo de sua manufatura, à natureza e a si mesmos a fim de reunir elementos para atividades extensionistas de educação ambiental. Vale destacar que os ceramistas que concordaram em conversar com a equipe do projeto pertencem tanto a círculos acadêmicos como não, isto é, registram técnicas, conceitos, valores, tradição por meio da escrita e/ou da cerâmica propriamente dita. A importância desse estudo está no fato de que, apesar da cerâmica fluminense existir, não está descrito o que ela revela sobre a relação que esse fazer mantém com a natureza dessa região e sobre o conhecimento que ela vem reunindo por séculos. Tanto a natureza fluminense quanto o conhecimento construído sobre ela no processo de fazer cerâmica constituem parte da sociedade fluminense e falam sobre como podemos valorizar mais a nós mesmos, à natureza, ao conhecimento, às tradições. Nesse sentido, as informações reunidas com a pesquisa tornam-se importante insumo para o planejamento de atividades educativas que visam discutir as relações entre ser humano e natureza.

Por que não admitir que o que é tradição no fazer cerâmica no cotidiano de ceramistas fluminenses vive se renovando ao interagir com outras tradições? Por que não considerar que o espaço em que antepassados trabalhavam se prolonga até as oficinas de ceramistas atuais no Rio de Janeiro – do Complexo da Maré ao Jardim Botânico –, como também em Itaboraí, Búzios ou Friburgo, só para citar alguns dos municípios visitados com o desenvolvimento da referida pesquisa?

A reunião de informações que a pesquisa permite é propedêutica à formulação das atividades educativas de extensão no Estado do Rio de Janeiro porque a cerâmica conta a história da culinária, assim como fala da religiosidade e conta outras histórias das quais objetos de barro vêm sendo atores coadjuvantes. Entre uma descrição da cerâmica fluminense e a descrição de outras histórias, como por exemplo, a das técnicas, do comércio, da escravidão, do vestuário, das festas, da religião, da economia antiga, etc – reveladoras do modo como o ser humano se relaciona com a

natureza –, é possível que sejam percebidas algumas relações que estão não apenas, mas também, no conteúdo imagético do suporte cerâmico (que não será examinado nessa pesquisa do ponto de vista da arte).

Essa argumentação foi reunida para afirmar seguramente que é pouco evidente que não exista “ciência do ceramista”, que este sistema de conhecimento seja homogêneo, não mereça ser investigado ou, ainda, que esteja sendo construído de modo linear, apartado do mundo natural, da sociedade ou apenas por atores acadêmicos e especialistas em arte. Tal conhecimento reunido por ceramistas pode dialogar com o conhecimento científico sobre a natureza em atividades educativas de extensão e, assim, aprofundar o interesse e encantamento da população fluminense pelo ambiente com o qual interage e ajuda a construir. O modo como a equipe do projeto vem relacionando pesquisa e extensão no caso particular do saber sobre a cerâmica pode contribuir para o desenvolvimento de outros trabalhos semelhantes na interface entre antropologia e educação ambiental.

Reunindo campos de conhecimento e modalidades de projetos

A antropologia das ciências e das técnicas – campo no qual está inserida a pesquisa – busca contribuir com a explicação sobre o modo como objetos podem invadir nosso cotidiano, agir como se fossem sujeitos, modificando a realidade. Como híbridos de natureza e cultura, tais objetos são, assim, parte de nossa humanidade e compartilham conosco redes sociotécnicas² De acordo com os princípios desse campo, natureza e cultura são consideradas, segundo Latour³, de modo simétrico e, assim, objetos são coadjuvantes na construção de itinerários intelectuais, na produção do conhecimento, na transformação da realidade social. Esse argumento sustenta a noção segundo a qual é possível fazer etnografia de objetos e que, assim como as ciências ditas exatas e naturais, objetos e projetos podem ser compreendidos e explicados pelas ciências sociais. Claro, foi preciso reelaborá-las para buscar a reavaliação da noção de objeto, no que diz respeito a sua ligação com a explicação sobre os processos sociais e de uma nova interpretação do processo de organização dos laços sociais a partir deles. Como

Blandin² diz, apesar do objeto cotidiano não aparecer nas ciências humanas ele está com certeza presente, mas como algo que é passivo. Ele nunca aparece como algo que mereça ser investigado, algo com *status* de objeto de pesquisa, pelo menos não nas ciências humanas e sociais. Este objeto – do celular ao gene, da barragem ao buraco na camada de ozônio, da erva medicinal à mesa de um escritório ou outros totalmente onipresentes – relaciona em determinada situação, no tempo e no espaço, uma rede de relações afetivas e de poder, prenes de tensões, jogos de interesse e conflitos, de negociações. Embora exista um grupo de pesquisadores que considere esses argumentos em seus estudos, o interesse pelos objetos não é nem consensual nem uniforme e as suas origens traçam caminhos diferentes.

A descrição da atividade de objetos, como a cerâmica, permite constatar que eles fabricam ao mesmo tempo, tal como faz o sujeito, fenômenos e discursos, contextos e conceitos, fatos e valores, sociedades-naturezas. O tema focal é assim, a superação da separação entre produção mental e estrutura social, realidade e atividade simbólica, mostrando a construção simultânea do objeto e do universo social dentro do qual esse objeto funciona evidenciando diferentes modos sobre como sociedades, naturezas, saberes e técnicas se misturam. A descrição da atividade dos objetos requereu da equipe lançar mão da pesquisa-ação.

A pesquisa-ação é um método de pesquisa que agrega diversas técnicas de pesquisa social, com as quais se estabelece uma estrutura coletiva, participativa e ativa no nível da captação da informação. Ela requer a participação das pessoas envolvidas no problema investigado. Esse método pressupõe ênfase na descrição de situações concretas e na intervenção orientada em função da resolução dos problemas efetivamente detectados pela coletividade. Embora privilegie o lado empírico, contrário à pesquisa positivista tradicional na valorização de critérios lógico-formais e estatísticos, a abordagem parte sempre do quadro de referenciais teóricos, sem o qual, a pesquisa-ação não faria sentido³

A pesquisa-ação também é conhecida como pesquisa participante ou pesquisa participativa, é “uma modalidade nova de conhecimento coletivo do Mundo e das condições de vida de pessoas, grupos e classes populares”, como afirma Brandão⁴. É

ainda, como afirma Demo⁵, uma modalidade de pesquisa qualitativa que coloca a ciência a serviço da emancipação social, trazendo alguns desafios: o de pesquisar e o de participar, o de investigar e educar, realizando também a articulação entre teoria e prática. Aqui nos interessa enfatizar a dimensão política da metodologia, chamando a atenção para a necessidade de garantir a participação democrática dos atores envolvidos.

Os fundamentos político-sociais da pesquisa sob a metodologia da pesquisa-ação em educação ambiental referem-se, em especial, a necessidade de superar um modelo de ciência fundamentado na separação entre o saber científico e o saber popular, entre a teoria e a prática, entre o conhecer e o agir, entre a neutralidade e a intencionalidade. Tal modelo que deve ser ultrapassado revela intenções de dominação construídas historicamente em nossas sociedades desiguais. Por outro lado, a pesquisa-ação refere-se à possibilidade de radicalizar a participação dos sujeitos, valorizando suas experiências sociais a ponto de tomá-las como ponto de partida – e de chegada – na produção de conhecimentos para a educação ambiental, refere-se, portanto, como afirma Brandão⁶, à valorização do diálogo entre as pessoas e entre elas e o ambiente.

A pesquisa-ação constitui-se como uma linha da pesquisa social que, além de promover a participação, supõe uma forma de ação planejada de caráter social, educacional ou técnico e fornece os meios eficientes para que grupos de participantes e de pesquisadores interajam e formulem diretrizes transformadoras, a partir da elaboração de um diagnóstico da problemática sócio-ambiental local que, socializado, permite consequências negociadas. Como Thiollent diz:

A pesquisa-ação consiste essencialmente em acoplar pesquisa e ação em um processo no qual atores implicados participam, junto com os pesquisadores, para chegarem interativamente a elucidar a realidade em que estão inseridos, identificando problemas coletivos, buscando e experimentando soluções em situação real. Simultaneamente, há produção e uso do conhecimento. (...) A dimensão ativa do método manifesta-se no planejamento de ações e na avaliação de seus resultados.(p.15).

Thiollent aponta três aspectos atingidos pela pesquisa-ação: resolução de problemas, tomada de consciência e produção do conhecimento. Esta

metodologia concretiza-se com o planejamento compartilhado de uma ação destinada a enfrentar o problema, objeto de investigação. Com a adoção desse procedimento, garante-se a coerência com o conceito de educação ambiental adotado pela equipe do projeto.

Procedimentos de pesquisa que se fecundam mutuamente – a etnografia de objetos e a pesquisa-ação – são vivências acadêmicas para uma equipe de pesquisa e extensão composta por graduandos de pedagogia e pedagogos recém formados. Tais vivências contribuem para a formação de cada um como pesquisador-docente preocupado em estabelecer conexão entre produção do conhecimento científico e a sociedade onde devem desempenhar suas atividades profissionais.

Na tentativa de descrever o percurso tomado na construção do conhecimento relativo à pesquisa-ação, Gil⁷ indica como etapas do processo: a fase exploratória e de construção do cenário sócio-ambiental, objeto desse artigo, a mobilização comunitária, organização de reuniões e de seminários e a construção e a elaboração do plano de ação/agenda sócio-ambiental.

Cerâmica, um objeto "que fala" em um cenário sócio-ambiental

No universo de trabalho de ceramistas fluminenses, chamam atenção os instrumentos imprescindíveis a sua realização e a organização social que podem promover. O forno e a maromba (nome dado pelos ceramistas a uma máquina que processa o barro e o divide em blocos para utilização posterior), por exemplo, podem estar presentes ou não no espaço onde acontece o trabalho de manuseio do barro propriamente dito: "Nós aqui trabalhamos assim, a maromba e os fornos servem para toda vizinhança aqui em volta. Vem que eu vou te mostrar", disse o ceramista de Itaboraí, conhecido como Pezão. Ele conta que aprendeu a trabalhar com o barro vendo seu pai, que vive em Pernambuco, para onde escoia parte de sua produção, toda vendida sob encomenda. Mostrando a escultura de um pescador, ele diz: "Minha arte é inspirada na minha vida, no que me marcou e que tem relação com a vida de meus conterrâneos". Parte da inspiração para criar vem "do que leio no jornal e que me toca", afirma, mostrando, no diálogo que estabelece com o barro, o quanto a

sua história fecunda e se deixa fecundar por eventos que pertencem a tempos diferentes e a outras histórias mais coletivas.

O manuseio e o contato direto com o barro, o tipo de relação e de conhecimento sobre o ambiente herdado de certa tradição, o contato com a terra que se impõe ao processo de confecção da cerâmica, a organização da produção e da comercialização, os impactos do processo de produção da cerâmica sobre o ambiente, os agravos à saúde que decorrem dessa atividade produtiva são aspectos que indicam que essa realidade traduz uma espécie de indissociabilidade entre contexto e conceito – cultura e cognição.

De adequações de objetos comuns, como por exemplo, pedaço do pára-choque de um caminhão ou tampa de lata de leite, podem surgir ferramentas únicas, originais: "Não preciso de nada muito especial, só algo que domestique o barro que é muito rebelde. Ele se impõe e tenho que ser sensível ao que ele me fala ou perco a peça", diz Cizinho, ceramista de Paraty.

Essa noção de que o barro fala com o ceramista é uma característica das conversas realizadas com todos eles. A atenção dada à textura da massa que compõe a peça que vai para o forno, assim como à temperatura que a peça permite tocá-la, é destacada por todos os ceramistas: "Quando eu teimo em colocar no forno uma peça que desconfio da massa, sofro com a perda... ela racha... mas eu é que não quis dar ouvido", complementa. É comum entre os ceramistas o sentimento de perda quando uma peça racha: "Dói como se fosse um filho", diz Pezão.

Muito forte é a certeza que o barro empresta aos ceramistas pesquisados sobre suas ações terapêuticas: "Posso estar com as idéias todas confusas, aborrecido... depois de hora fazendo, já estou bonzinho", afirma Chico Sazec, ceramista de Friburgo.

A atividade desse objeto, que age como sujeito também, se traduz na divisão de trabalho que ele impõe, seja numa fábrica ou numa família: os passos dados para a confecção, por exemplo, de um vaso, os processos pelos quais passa o barro até se tornar moldável, próprio, consistente, limpo, para o uso do ceramista implica sempre tipos de ajuda. "Eu fico no torno e o filho da Maria na maromba. Depois de pronta – aponta para um

companheiro – ele leva pra queimar”, diz Luciano, ceramista de Tanguá. Alguns ceramistas afirmam também que “sem a minha mulher não daria para fazer minha arte... como eu iria me alimentar e cuidar dos meus filhos”? Outros ressaltam a importância da divisão do trabalho na família dizendo: “Eu idealizo e realizo os peixes, mas ela é quem pinta”, como reconhece Fábio, ceramista de Saquarema, falando de sua mulher.

Todos esses aspectos compõem a descrição da atividade da cerâmica – que aparece nessa pesquisa como objeto e como sujeito, simultaneamente nos moldes apresentados por Latour – pela força destacada pelos ceramistas no modo como ela dirige o processo de sua produção. A ideia de que o objeto age como sujeito – é híbrido quase-sujeito, quase-objeto – tem implicações para a educação consideradas no planejamento das atividades de extensão.

Para organizar a descrição e contribuir para compreensão da cerâmica como objeto híbrido de natureza e cultura, quase-sujeito, é preciso abordar singularidades/diversidades dos ceramistas das regiões pesquisadas, respectivamente.

Nos ateliês de cerâmica da Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro, na Urca, Jardim Botânico, Botafogo e Barra da Tijuca, foi possível verificar a peculiaridade, a delicadeza, toda a física e química envolvidas no processo de produção da cerâmica, além da habilidade necessária para lidar com questões de ordem burocrática relativas ao ateliê. Nessa região, apenas um ceramista era do sexo masculino. Sobressaiu, nas conversas aí registradas, a história de aproximação com a cerâmica, ocorrida por motivações diferentes daquelas expressas por ceramistas de outras regiões. Boa parte das mulheres contou ter se tornado ceramista em decorrência de uma mudança de vida provocada pelo parceiro: viagem ao exterior, a trabalho. Contudo, foi recorrente a afirmação sobre o desejo de buscar alternativas para atividade de trabalho que já exercia como pedagoga, cientista social, arquiteta, economista, funcionário público ou mesmo ampliar o trabalho desenvolvido no campo da arte.

De acordo com os relatos, é possível verificar que esse é um grupo de classe média-alta. Ao viajar para outros países, essas ceramistas realizaram cursos e conheceram culturas e modos de fazer cerâmica, que influenciaram seu fazer. Isso explica, em parte, a ligação da cerâmica que produzem

com métodos, estilos e materiais próprios à tradição britânica, por exemplo.

De volta ao Brasil, abriram seus próprios ateliês, para dar continuidade às pesquisas com esmaltes e o aprimoramento das técnicas, ensinando o que tinham aprendido. Segundo os ceramistas, esse foi o início à tradição dos ateliês de cerâmica da zona sul da cidade do Rio de Janeiro, com destaque para o Jardim Botânico, descrito por eles como o “lugar dos ceramistas do Rio”.

Os ceramistas consideram seu ofício como profissional – em contraste ao trabalho amador – devendo “ser encarado com a finalidade de aperfeiçoamento de técnicas”. Além disso, eles ressaltam a responsabilidade exigida para a qualificação do que fazem que se expressa tanto na obrigatoriedade no cumprimento dos prazos de entregas de peças, na atenção aos alunos (muitos mantêm grupos de alunos) e aos prazos dos pagamentos referentes à manutenção das ferramentas de trabalho e do ateliê.

Todos afirmaram que o trabalho em cerâmica é pouco rentável. Parte deles tem na cerâmica a fonte de seu sustento. Algumas ceramistas cariocas contam com o auxílio financeiro de seus cônjuges, que as mantêm. A despeito disso, todos concordam com o fato da atividade ser muito prazerosa: “coisa da alma”.

As visitas realizadas aos ateliês da zona sul da cidade do Rio comparadas às visitas feitas aos ateliês de outras regiões do Estado descortinaram um universo intrigante sobre: formação escolar, tom e sentido das conversas, instrumentos de trabalho utilizados, tipos de peças produzidas, assim como, sobre o público para quem produzem. Contudo, não é possível afirmar com segurança, ainda, se condicionantes econômicos determinam escolhas feitas pelos ceramistas em relação a seus materiais de trabalho. Há, sim, uma relação já identificada, entre modos de fazer cerâmica, a região onde o ceramista vive e seu poder aquisitivo.

Em Tanguá, por exemplo, há o uso de um determinado tipo de barro, o ceramista tem uma função e prestígio social, renda econômica, preocupação e visão do meio ambiente que diferem dos mesmos aspectos examinados na cidade do Rio de Janeiro, a despeito da proximidade geográfica. Lá, encontram-se fábricas de produção de artefatos, como vasos, cofrinhos, em larga escala.

Os próprios revendedores e pintores de cerâmica entrevistados, por esse motivo, questionam sobre o estatuto de seu fazer: “Não sei se o que eu faço é arte... tenho raros momentos de criação... que, aliás, são os que me realizam”, disse Luciano. Em Itaboraí, foi possível encontrar barracas de venda, lojas especializadas em pintura, fábricas de cerâmica utilitária e decorativa, além de fábricas de construção de tijolos e telhas, todas à beira da estrada. Um escultor disse que “há muita produção, pois vende muito: toda a produção do ano já está encomendada e vendida”.

Quanto ao modelo de associação, os ceramistas da zona sul da cidade associavam-se, na hoje extinta, Associação de Ceramistas do Rio de Janeiro, ACE – Rio. Segundo Tereza Lèbre, sua última diretora, ela durou 20 anos e se extinguiu em 2006, entre outros motivos pela falta de profissionais que organizassem a burocracia: “Eram os próprios ceramistas que organizavam as exposições, que confeccionavam um jornal de circulação interna para os associados, que administravam o valor a ser pago ao contador, que organizavam as despesas do grupo e funcionava sem fins lucrativos”. Ao mesmo tempo, faziam as peças para as exposições, levavam os filhos para a escola, cuidavam da família etc. Ela complementa dizendo que “as divergências encontradas pelas diferentes escolas de formação da qual eram oriundos os ceramistas, com o passar dos anos deram fim à associação... nem posso pensar em nova associação ou cooperativa”.

Por outro lado, os ceramistas fluminenses lamentam seu fim e dizem necessitar de um espaço para a discussão de ideias, disseminação de conhecimentos e modos de fazer cerâmica, além de significar uma possibilidade de estreitar as relações e fortalecer o grupo.

Hoje há uma associação informal dos ceramistas, que varia com a região. Numa mesma localidade, os que estão mais próximos, encomendam materiais e fazem trabalhos juntos. Na região serrana estão se reunindo com outros artistas e comerciantes sob a designação de arranjo produtivo local (APL) planejando e realizando atividades que promovem o turismo com forte preocupação ambiental.

Nessas atividades, parece evidente que os ceramistas consideram a cerâmica como natureza, quase uma extensão de si mesmos ou consideram

que cuidar delas – natureza e cerâmica – é cuidar de si mesmos. No conjunto das regiões pesquisadas, somente alguns ceramistas demonstraram preocupação com a toxidade dos compostos químicos utilizados no processo de pintura das peças, preservando o meio ambiente e a saúde deles próprios, além da de seus alunos: “nada aqui é tóxico... não é por causa do custo não, é por causa do não-tóxico, gosto de usar urucum, extrato de nogueira...”. Por outro lado, todos os ceramistas possuem um sistema de reaproveitamento do barro em seus ateliês. Fica clara a sensibilidade que eles têm para interpretar as condições sociais de realização do seu trabalho e das questões sócio-políticas que os atingem tanto quanto à sociedade e à natureza, o que torna seus saberes e fazeres tão caros para a elaboração das atividades pedagógicas. Contudo, a participação no arranjo produtivo local, prenhe de preocupações socioambientais, parece ser no momento, a expressão organizada da construção de modos de minimizar condições pouco favoráveis de trabalho. A construção coletiva do site www.ceramicambientearte.com.br e a organização de um acervo de imagens e peças para realização de mostra de arte surgem como o resultado das atividades de pesquisa e extensão realizadas nas regiões citadas.

Considerações finais

A partir de uma etnografia do objeto *cerâmica fluminense* a hipótese segundo a qual o mundo natural molda o mundo humano e é moldado por ele pode ser investigada. Tal pesquisa contribui para divulgar os saberes dos ceramistas destacando as relações entre natureza e modos de vida e trabalho, assim como propor ações que possam mitigar possíveis efeitos danosos dessa atividade ao ambiente e à saúde em atividade de educação ambiental de caráter extensionista. O conhecimento associado ao objeto de arte cerâmica é, assim, utilizado para a elaboração de atividades pedagógicas de educação ambiental como uma estratégia para educar fornecendo a base para as discussões sobre a relação homem-natureza tomada a partir dos saberes e fazeres de ceramistas.

A reunião de informação sobre o objeto cerâmica a partir de mais de um tipo de procedimento de pesquisa e campo de conhecimento, possibilita falar de política ambiental para o Estado que seja eficaz quanto ao propósito de preservar a natureza

e de ampliar a consciência de todos para os problemas sócio-ambientais. Estudar o conhecimento e a sociedade associados à cerâmica fluminense permite abordar as interferências entre a elaboração simultânea das criações intelectuais e da sociedade que as elabora. Entre os ceramistas há controvérsias sobre a concepção do objeto cerâmica. Tal controvérsia se estabelece entre artistas oriundos da academia – que consideram a cerâmica como objeto de estudo, como campo de produção de conhecimento científico e de políticas dirigidas ao conhecimento – e os demais artistas, forjados no seio de tradições populares, que não possuem a mesma concepção formalizada sobre seu objeto de trabalho. É essa característica que faz da cerâmica e de ceramistas fluminenses objeto de estudo típico da antropologia das ciências e das técnicas.

A principal consequência da pesquisa é o estabelecimento de um ponto de vista epistemológico que se caracteriza, de um lado, por ajudar a perceber o tecido único que se estende entre cultura e natureza e de outro, desierarquizar os saberes popular e científico sobre a natureza. A implicação para o campo da educação ambiental que advém da adoção dessa postura epistemológica é a democratização dos espaços de educação formal ou informal.

Referências

1. FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. 15.ed. São Paulo: Olho D'água, 1998.127 p.
2. BRANQUINHO, Fátima Teresa Braga. Contribuição da Antropologia da Ciência à Educação em Ciência, Ambiente e Saúde. **Sociedade, Democracia e Educação: Qual Universidade?** 27º Reunião da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, Petrópolis, Vozes, v. único, p. 91-100, 2004.
3. LATOUR, Bruno. **Jamais Fomos Modernos: ensaio de antropologia simétrica**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.149 p.
4. BLANDIN, Bernard. **La Construction du Social par les Objets**. Paris: Presses Universitaires de France, 2002. 279 p.
5. THIOLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-ação**. 3. ed. São Paulo: Editora Cortez, 1986. 137 p.
6. BRANDÃO, Carlos Rodrigues. (Org.). **Pesquisa Participante**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.112 p.
7. DEMO, Pedro. **Metodologia Científica em Ciências Sociais**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2007. 296 p.
8. BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A pergunta a várias mãos: a experiência da pesquisa no trabalho do educador**. São Paulo: Cortez, 2003. 121 p.
9. GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996. 159 p.

Abstract

This article aims to describe the meanings that pottery-making takes, the life style and the work of potters who are from Rio de Janeiro. Starting from the potters' point of view, the project described in this article emphasizes the relationships potters build with the environment and with nature in their workshops. Some members of the network of pottery in Rio de Janeiro were identified in extension activities that are part of an action research project. As a result, a web page was created and workshops on environmental education as well as a collection of images and pieces of pottery for an exhibition were put together. The extension activity has contributed to training educators, researchers, and also, to organizing potters from Rio de Janeiro in a virtual association that advertises their work and helps to generate income.

Keywords: cultural diversity, potters from Rio de Janeiro, man-nature relationship.